

COMO VIMOS A CONSPIRAÇÃO E O GOLPE

AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. TREZE DE MAIO, 23-9.º ANDAR — SALA 922

ANO 10 — N.º 104

Rio de Janeiro, Março de 1956

PREÇO: Cr\$ 2,00

CAIXA POSTAL 4.588

O MACACO ADESTRADO

Por GERMINAL

O homem civilizado é um macaco adestrado pelo Estado. Só dança ao compasso de melodias nacionais ou religiosas, tocadas ao rejaleio do governo ou da Igreja. Chame-se o macaco democrata ou comunista, não tem uma só idéia original. No íntimo quer sempre uma autoridade. Entretanto, liberdade positiva e Estado são como fogo e água; onde existe um, não vinga o outro; onde a autoridade impera, irrompe a violência, pois dizer autoridade é dizer despotismo, ausência de justiça e de igualdade.

A autoridade exige disciplina; mas, não autodisciplina, senão subordinação, sob pena de castigo, a uma vontade dominante.

Essa vontade, no Estado burguês, manifesta-se por leis, regulamentos, portarias, com sanções, isto é, meios coercitivos.

O interesse essencial desse fantasma impessoal chamado Estado, isto é, o interesse material e espiritual spoia-se no mesmo fundamento que o da Igreja: no egoísmo absoluto. Sendo absoluto, considera-se sagrado. Que é um interesse absoluto? É um interesse alheio, estranho, que exige ser reconhecido como interesse da maioria, ainda quando ninguém por ele se interesse.

Ao nascer, já o cidadão encontra esse interesse absoluto estabelecido e habituava-se a considerá-lo indispensável, útil, natural e aceita-o como aceita o alimento sem perguntar porque há de ser assim e porque essa coisa misteriosa converte os homens em escravos.

A tais perguntas, responderia o Estado assim:

— E' a vontade da maioria. Da maioria? Mas, de que se compõe essa maioria? De homens inteligentes ou de homens ignorantes?

Ora, a maioria enganada jamais provaria a verdade de uma doutrina. Essa massa informe, que mal chegou a uma crepuscular preconceição de si mesma, que teme a liberdade positiva, guiada e desviada por argêntios e larápios, não prova coisa alguma.

A ignorância geral, em que vivem todos os povos, é causada pelos interesses sacrossantos do Estado. E profundo é o supor que o egoísmo degenerado do Estado equivale ou representa o interesse do povo. Antes, podem-se comparar os interesses do Estado e os do proletariado aos do amo ou senhor referentemente aos dos seus escravos. São interesses que se contrapõem e se excluem mutuamente. O vantajoso para um é prejudicial para o outro. Em caso algum, podem ser esses interesses ajustáveis pois o Estado tem o máximo interesse em conservar o proletariado na dependência do seu amo.

Ante um interesse absoluto, qual o definimos, todo interesse particular é forçado a desistir.

AMOR SALGUERO MORREU ANARQUISTA

Depois de falecido em julho, apareceu Amor Salguero, no relatório do Departamento de Ordem Política e Social (D. O. P. S.) de S. Paulo, como tendo exercido atividades subversivas nas eleições de 3 de outubro. Em virtude de nota dada pelo "O Globo" de 12-12-1955, a autoridade procurou justificar-se dizendo que o relatório fora assinado em 19 de agosto e que abrangia todo o período pré-eleitoral, período que para ela, autoridade, começara em junho.

No entanto, cremos estar a autoridade de mal informada (não queremos admitir a hipótese da má fé) quando diz ser Amor Salguero, "elemento comunista infiltrado no Sindicato dos Sapateiros".

Em 1926, ainda bem jovem, Amor teve a sua primeira prisão, em S. Paulo, por ocasião da campanha em favor da liberdade de Sacco e Vanzetti, presos injustamente e mais tarde assassinados na cadeira elétrica, pelo Governo dos Estados Unidos.

Já nessa época, Amor Salguero, filho de anarquista que morreu por seus ideais, era anarquista, e até o dia em que faleceu, com a assistência de dedicados companheiros, jamais deixou de ser anarquista. Amor Salguero morreu anarquista.

NOTA: Nos números 100 e 101, AÇÃO DIRETA falou sobre Amor Salguero. Fêz-lhe a biografia e verberou a conduta do médico do Sindicato dos Sapateiros de S. Paulo, Dr. Taglianeto, falso cristão.

Todo ato praticado em atenção a seres absolutos é religião. Para ser alguém religioso, não precisa de capacidade ou vocação especial. Vimos, no recente carnaval religioso, o Congresso Eucarístico, que a terra mais fértil da religião é a ignorância. Marcham ambas juntas e, com o interesse absoluto, seguem a inércia e a escravidão.

Tudo quanto nos obriga a respeitar ou venerar assume aspecto sagrado. Aquilo que se sagra geral, o Estado, por exemplo, a pátria, a propriedade, o papa, etc. é sempre absoluto porque se arroga o título de autoridade suprema, onipotente e espiritual.

Ora, toda entidade espiritual, capaz de materializar-se em poder, fatalmente tiraniza os que não creem na sua santidade.

Não é concebível o poder nem a própria existência do Estado sem a compressão por meios disciplinares. Logo, a disciplina consiste em perderem os indivíduos, forçados a aceitá-la, sua mais importante e preciosa conquista: a liberdade.

Com a disciplina conseguem os governos praticar todos os crimes. Ela cria o sentimento de inferioridade, de fraqueza, de insignificância pessoal. Essa é a verdadeira força do governo.

Ora, a força obedece sempre a suas próprias leis. Sempre trata de afirmar-se à custa dos mais fracos e não tolera outra força junto a si. Por isso, todo Estado, enquanto segura, mediante a força armada,

sua existência interna, com essa mesma força torna-se agressivo externamente. Igualam o interesse do Estado ao interesse da Pátria; mas, o Estado não é Pátria. Pátria é a grande comunidade dos homens livres, sem governos nem súditos. A Pátria constituída por dominadores e dominados, barreiras, trincheiras, alfândegas, prisões e câmbios, não é Pátria, é falsa Pátria, onde a escravidão se chama liberdade e a injustiça, interesses sacrossantos. Todos esses dogmas sagrados, com suas leis, não são outra coisa que manifestações de interesses imaginários.

Para um indivíduo que raciocine e sinta como cidadão do Estado, este é tudo: Deus e o mundo. Seu poder, em forma de exército, polícia, burocracia, é para tal indivíduo, coisa admirável. Tão grande é sua cegueira que não percebe sua alienação da liberdade, nem pode imaginar que tais instituições sejam a causa principal de sua desgraça. Nem chega a notar que essa máquina infernal vive de seu suor.

Argumentam seus devotos que, desde remotas eras, sempre houve governo de espada em punho e um povo obediente a seus ditames; mas, toda a antiguidade só prova antiguidade e nada mais podendo uma nefastíssima instituição como a realidade sustentar-se dez mil anos.

Perguntar-nos-ão: "Quais são os interessados em manter essa criação estatal?"

Respondemos: "O verdadeiro amo, no Estado, é Pluto, o dinheiro. (Continua na 2.ª pag.)"

A Ambição dos Estados Totalitários

Por CRISTÓBAL GARCIA

(Especial para AÇÃO DIRETA)

Lênin pronunciou no Krêmlin, quando já o partido comunista reinava como amo e senhor do Povo russo, o qual ofendeu seu sangue e muitas vidas nas aras da revolução de 1917-18, esta frase célebre: "Voltemo-nos para a Ásia; acabaremos com o Ocidente através do Oriente".

Depois, o pai de todas as "democracias populares" disse estas ou parecidas palavras: "Não ambicionamos um metro de terreno de nenhum outro país". Eis aí, grosso modo, os fatos. Os casos recentes da Coreia, Indochina e Formosa constituem prova bem evidente e ameaçadora dessa política de absorção por parte dos Estados ou ditaduras totalitárias.

Na Espanha, o ditador e caudilho Franco também ambiciona, em voz alta, a posse do penhasco do Gibraltar inglês e o Marrocos francês. Com fins suspeitos, prometeu independência à zona espanhola de Marrocos sendo, nesse caso, apoiado pelos países árabes com suas exigências sobre Gibraltar, pondo-se ao lado do Egito no conflito de Suez, etc.

Stalin e Hitler, de acordo com as mais elementares normas da vileza, se apoderaram da Polónia, de uma décima parte do seu território, inclusive o Istmo de Carena com o porto de Viborg, parte de Salla e Kalastajasarento, o porto de Pestsano (Pechenga) e a base naval de Porkkala, que separa Helsinki, capital finlandesa. Ademais, todo o território oriental, tão vasto quanto a Áustria e a Hungria juntas e no qual se encontram as cidades de Viena e Lúbu (Lemberg); as grandes cidades da Romênia, Chisnau e Cernauli, e as províncias de Besarábia e Bucovina; a Prússia Oriental alemã com três cidades importantes: a Rutênia Oriental da Tchecoslováquia, tão grande quanto os departamentos da Alsácia e Lorena francesas; a Europa, os ferrocarris da Manchúria e China e os Estados Bálticos; da Ásia, as ilhas Sakalin Meridional, Porto Artur e Taianu Tsuru. Entre Europa e Ásia, Stalin assenhoreou-se dos territórios da Estônia, Letônia e Lituânia; de províncias tchecoslovacas finlandesas, romenas e polacas, da Prússia oriental e possessões japonesas, com um contingente de população civil de 24.396.000 habitantes e 684.300 quilômetros quadrados. Sovietizou a Polónia, a Mongólia, a Alemanha Oriental, a Hungria, a Albânia, a Bulgária, a Tchecoslováquia, a Romênia, a Coreia do Norte e a China com 550.447.000 habitantes e 12.467.000 quilômetros quadrados.

Não será tudo isso absorção totalitária? A bandeira vermelha não pode encobrir os negros desenhos do imperialismo soviético, como não podem as bandeiras estreladas convencer-nos de uma liberdade que não existe em nenhum âmbito da terra. O fundamental é saber compreender, por parte de todos os trabalhadores conscientes, seu significado e combatê-lo com toda a firmeza de um sentimento arraigado numa alma revolucionária, com vistas ao bem estar de todos os povos sem distinção de raça ou cor.

Pobres obreiros, pobres proletários, os que em muitos países arriscam, inconscientemente, as vidas por uma causa que, se ganha, maldiriam toda a eternidade!

O fantasma da Liberdade não poderá manter fechados os olhos dos trabalhadores por muito tempo, porque já compreenderam que os regimes totalitários representam sempre a razão da força sobre a razão. Esse é o mal de que padece o século XX. Esse anel desaperado de mando, de domínio apoderou-se de alguns homens sem consciência nem decore e de certos partidos políticos para assim continuarem a farsa e a escravidão mais abjeta dos povos.

A tais ambições dos Estados totalitários, nós, libertários, os homens da C. N. T. oponemos a prática do direito, da justiça e da liberdade. A essa prática não inspira o ódio, a vingança, ou a violência. Ela suprime todos os conformismos, abolindo todas as vítimas e varre todos os preconceitos. A Liberdade não considera inimigo um povo pelo simples fato de habitar num ponto geográfico diferente do nosso, ou porque tenha conhecimentos e opiniões diversas das nossas, nem por outro qualquer motivo. Não aspira a fazer de cada cidadão um autômato, um número determinado, um material mais ou menos humano, que se mandaria apodrecer no desterro ou campos de concentração ou de trabalhos. Não impõe nenhum dogma, nem obriga ninguém a praticar esta ou aquela religião, ou professar designadas idéias ou ciências. A Liberdade derruba os quartéis e os presídios e constrói, em seu lugar, escolas e sanatórios para a humanidade doente. Alerta as artes e ciências de modo efetivo e não com ridículas subvenções e privilégios como sucede na atual sociedade em que vivemos. Deixa a uns e outros livres de seguirem suas aspirações conforme seu leal saber e entender.

Mao Tse Tung persegue Intelectuais Chineses

O Governo de Mao Tse Tung, como não podia deixar de ser, em virtude do catecismo por que reza, iniciou perseguição aos intelectuais chineses, pelo fato de lutarem, corajosamente, afim de manterem a independência do "seu talento e a dignidade do seu espírito".

Os tiranos temem os homens cultos, porque a estes, eles não iludem.

Informação sintética sobre o movimento de 16 de setembro na Argentina

(Da Argentina para AÇÃO DIRETA)

O movimento militar de 16 de setembro foi o ponto culminante da intensa ação da resistência oferecida pelos diversos setores civis, ação a que nós anarquistas jamais faltamos, embora o nosso contato com outros setores, só se verificasse ocasionalmente por meio individual.

Se bem que o golpe decisivo contra o regime peronista tenha sido assestado pelos militares, ou melhor, por forças da Marinha e da Aviação, não tem o movimento caráter militarista nem alimenta a tendência de fazer surgir outro "salvador providencial", como ocorreu imediatamente após o golpe de 1943.

O que mais alarmou do nosso ponto de vista e do ponto de vista dos liberais em geral, foi a intervenção, no movimento, dos homens da Igreja e "arrepêndidos". Como é notório, Perón lançou, há finais de um ano, inusitada e violenta campanha contra a Igreja, o que o favoreceu, rodeando-o de uma auréola de mártir.

Após o triunfo da revolução, os homens da Igreja e os tais "arrepêndidos" pretenderam ditar normas ao novo Governo, transformando-o em um Governo Clerical-Nacionalista. Graças, no entanto, à ação rápida dos elementos democráticos das forças armadas, com a colaboração de grupos políticos, o golpe foi conjurado.

O que ia facilitando o golpe, era a influência que exerciam sobre o general Lonardi alguns íntimos ultraliberais.

A partir de então, 13 de novembro, foi-se robustecendo a orientação liberal e democrática, embora os reacionários não tenham cessado de conspirar. Esta é a situação no campo político.

No social e econômico, os fatos são bem mais complexos. No que se refere ao movimento operário, a tarefa de reconstrução é gigantesca e difícil. Grande parte do proletariado argentino continua amarrado ao peronismo o que facilita a ação demagógica da reação.

A C. G. T. e todas as filiais estão sob intervenção do Governo, sendo quase todos os interventores elementos de conhecidos nacionalistas e fascistas das forças armadas, fato sem precedente no país.

Os nossos companheiros tudo estão fazendo para trazer ao movimento sindical, o máximo de independência.

Séria, muito séria, contudo, é a situação econômica, em virtude da pesada herança deixada pelos saques e desfalques do regime anterior. O grande problema que surge é o de saber sobre quais setores sociais cairá o peso da reconstrução.

Finalizando e resumindo, podemos afirmar que o atual ambiente é mais propício à liberdade; que desapareceram muitos entraves governamentais e que, dentro das dificuldades citadas, se abrem, para nós, perspectivas promissoras, de que procuraremos tirar o máximo de proveito.

AOS LEITORES E AOS COMPANHEIROS

AÇÃO DIRETA deixou de sair nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, em virtude do Estado de Sítio.

O número do mês de novembro, n.º 103, foi impresso. Não foi, porém, distribuído às bancas de jornais, afim de não criar aborrecimentos para os seus proprietários e funcionários.

Os que o desejarem peçam à nossa caixa postal 4588, que o enviaremos gratuitamente.

Após três meses de silêncio, porque não temos grupos políticos nem grupos militares em que nos apoiarmos, voltamos a público, com a nossa opinião sobre o movimento que não tinha data melhor para bem o caracterizar, do que a de 10 de novembro, dia e mês em que, em 1937, se instaurou, então, sem máscara, a ditadura fascista de Getúlio Vargas, o maior líder da reação nacional, o desmantelador do velho movimento operário brasileiro, a chave mestra da corrupção administrativa do país.

O movimento da noite de 10 de novembro foi, tão somente, um golpe vibrado por alguns generais, partidários da corrente política, que fora ameaçada de perder a direção do Governo, na memorável manhã de 24 de agosto, e que ainda não se sentia segura. Foi esta corrente a única beneficiada pelo golpe.

O líder aparente do movimento foi o general Teixeira Lott que, de longa data, vinha sem saber se aderiria ao "Grupo dos Coronéis", grupo que tentou pôr termo aos escândalos e crimes do Governo de Vargas e que exigiu, em fevereiro de 1954, o afastamento do irresponsável e perigosíssimo Ministro do Trabalho, João Goulart (Jango), ou se ficava com o grupo dos generais conspiradores, liderados por Zenóbio de Costa, Ministro da Guerra deposto naquele 24 de agosto, tão grato aos liberais conscientes e honestos, o mesmo que, em 1950, com o general Estilac Leal, aliados aos capitalistas financeiros da campanha eleitoral, Jafet e Moreira Sales, garantiram a volta do ex-ditador ao poder.

As duas razões com que procurou justificar, a um opinião pública, o movimento, primeiro uma, depois outra, são contraditórias, além de falsas, porque a única razão, a causa real, foi a direção do Governo.

A primeira causa alegada foi: Provação aos brios do exército com a exoneração do general Teixeira Lott. A segunda: "Retorno aos quadros constitucionais vigentes."

Antes de mais nada a exoneração foi dada a pedido.

Teve ela, como causa, a pressão exercida pelo general Teixeira Lott, sobre o Presidente da República, Carlos Luz, no caso do coronel Jurandir de Bizarria Mamede, em matéria que não era da sua alçada, uma vez que aquele oficial estava diretamente ligado ao Presidente da República, em virtude da sua função na Escola Superior de Guerra. Anteriormente, já tinha sido feita sobre o sr. João Café Filho, que logo após acometido de grave doença.

O discurso lido em nome do Clube Militar, junto ao túmulo do general Canrobert Pereira da Costa, a 1 de novembro de 1955, e de autoria do tenente-coronel Golbery do Couto e Silva, refletia o ponto de vista generalizado nas Forças Armadas. Logo, os brios do exército não foram ofendidos. E tanto não foram, que vários dos comandantes e muitos oficiais, quando souberam da verdadeira causa do movimento, se negaram a cumprir as ordens do reengajado Ministro da Guerra.

Valeu-se o general Teixeira Lott da boa fé e da confiança da maioria dos seus comandados, que não estavam com as "restrições mentais", nem com a vaidade ferida do seu Ministro.

Quanto ao "retorno aos quadros constitucionais vigentes", a fragilidade da causa é de tal natureza, que estão os cabeças do movimento, sem sofisma algum, incursos na Lei de Segurança do Estado, dentro dos mesmos "quadros constitucionais vigentes".

Tudo que não seja a garantia da direção do poder pela corrente da ditadura, encastelada no P. S. D. e no P. T. B. é, no "Movimento de Retorno", puro embuste. Este zelo dos "quadros constitucionais", este respeito da "decisão das urnas" da parte de elementos da ditadura é deveras suspeito.

Foi o próprio Teixeira Lott que, em entrevista, declarou ter dado ordens, em junho de 1955, para a elaboração do plano militar posto em ação na noite de 10 de novembro. "Só quatro generais, eu inclusive, conhecíamos esse plano" declarou o mui leal Ministro da Guerra!

Esta declaração vale pela confissão de que vinha conspirando a partir daquela data! Onde o zelo dos "quadros constitucionais"? Como traía o Governo de que era elemento de confiança! Os fatos, porém, vinham de mais longe... E isto comprova o objetivo da garantia da direção do Governo.

Desde que sentiram os generais do "Retorno" que o "Grupo dos Coronéis" já na primeira semana de setembro de 1954 (não havia um mês que o ditador

(Continua na 3.ª pag.)

À MEMÓRIA DE FERRER

Recordando o protesto feito pelos homens livres do Rio de Janeiro e do Brasil, contra o nefando fuzilamento

RECAPITULAÇÃO POR JOSÉ ROMERO

O dia 13 de outubro lembra o assassinio legal de Francisco Ferrer y Guardia praticado pelos dirigentes da monarquia espanhola em 1909. Faz 46 anos, na fortaleza de Montjuich, em Barcelona, ele caiu varado pelas balas do pelotão de fuzilamento após ter lançado ao mundo as suas últimas palavras: — Viva la Escuela Moderna! grito que eocarar-se pelas gerações afora lembrando aos homens que devem emancipar-se de todas as superstições, ficções e tiranias criadas pela ignorância, sustentadas pelas classes interessadas em continuar o seu domínio, e assim, poder melhor explorar os povos que vivem iludidos e vilipendiados.

Quando da sua prisão, como de muitos outros anarquistas, depois da semana sangrenta de julho (de 25 a 31) desse ano, todos os homens de consciência bem formada e espírito livre, sentiram-se preocupados com a sorte do fundador da Escola Moderna de Barcelona. Todos quantos conheciam a obra extraordinária que Ferrer vinha realizando não puderam conter o seu grito de revolta contra o conluio clerico-militarista espanhol, o qual, valendo-se de testemunhas falsas acusaram criminosamente o iniciador do ensino racionalista. Os ultramontanos e reacionários de vários matizes da Espanha, lançaram mão de todas as artimanhas para poder condenar à última pena a vítima que lhes tinha caído nas garras. Os clericais e reacionários de todo o mundo davam razão ao governo espanhol. Puderam! Não eram eles da mesma textura moral e não liam pela mesma cartilha?

Entretanto, como o mundo livre e civilizado sabia muito bem o que o tirano António Maura e seus acólitos estavam fazendo contra o povo espanhol e o de Barcelona em particular, iniciou um movimento de protesto em defesa das vítimas da reação. Foi aquele movimento a mais bela manifestação universal de solidariedade humana que até então surgira no mundo civilizado, somente igualada, anos mais tarde (1926), pela que se fez em favor dos companheiros Sacco e Vanzetti, assassinados pela burguesia dos Estados Unidos.

Portanto, obedecendo a esse sentimento e dever de solidariedade internacional, em defesa das vítimas dos inimigos da liberdade e da emancipação dos trabalhadores, a Federação Operária do Rio de Janeiro reuniu-se, nos primeiros dias de outubro, para assentar seu plano de ação. O Conselho Federal resolveu, por unanimidade, nomear delegados Carlos Dias, Manuel Moscoso e Luiz Magrassi) com incumbência de organizar uma comissão de caráter popular, para levar a efeito a campanha em defesa de Ferrer, que, para os Torquemadas de então, representava o alvo máximo alvejável. Depois de várias reuniões e atividades nos meios associativos, a Comissão lançou o seguinte manifesto:

“Contra a reação espanhola — Apelo a todos os amantes da Liberdade: O telégrafo, no seu lúgubre laconismo, não cessa, de um mês a esta parte, de dilacerar a alma dos bons, com as notícias que de Barcelona relatam os bárbaros, inauditos e desumanos crimes praticados contra a liberdade, nas pessoas de seus mais ardentes defensores, pelo governo clerical espanhol.

“O que se dá atualmente em Espanha, como o afirma a imprensa livre dos países europeus, não é a repressão dos fatos revolucionários desenrolados em Barcelona no mês de julho último. O intento do governo espanhol e o seu aliado, o clero, é suprimir o maior número de cabeças pensantes, o maior número de homens livres; é seu fito dar um golpe mortal na liberdade de pensamento. É a inquisição que renasce.

“O protesto contra a guerra, feito pelo povo barcelonês, foi um ato espontâneo, imprevisível. Não podia ser preparado de antemão.

“Entre as muitas vítimas que caíram condenadas pelos conselhos de guerra, algumas houve que disseram aos seus algozes que morriam inocentes, que nenhuma participação tiveram nos acontecimentos. Francisco Ferrer, a vítima mais cobiciada pela reação, também declara não ter tomado parte nos sucessos. E homens da tempera de Ferrer não se furtam covardemente à responsabilidade de seus atos. Só o desejo de eliminar a vítima mais cobiciada é que move o governo espanhol a conservá-lo preso, sob a ameaça de fuzilá-lo de um momento para outro.

“Foi o grito universal de protesto que impediu, até agora, que Ferrer e tantos outros fossem fuzilados. Será a continuação desse mesmo que libertará, das mãos ainda ensanguentadas dos homens do governo da Espanha, as vítimas da seita negra.

“Negaremos, os liberais do Rio de Janeiro, a solidariedade às vítimas da reação espanhola, tornando-nos assim, cúmplices dos seus crimes? Não!

“É preciso que secundemos, aqui, a campanha iniciada no mundo inteiro, à cuja frente se acham notabilidades como Anatole France, Alfredo Naquet, Giuseppe Sergi e outros de prestígio universal.

“A agitação já foi iniciada em São Paulo e, por iniciativa de uma comissão ali constituída, devem realizar-se, no dia 17 de corrente, comícios de protesto em diversas localidades do Brasil.

“Os elementos liberais do Rio de Janeiro não podiam permanecer indiferentes a esta campanha e, por isso resolveram convidar todos os homens amantes da justiça e do progresso, sem distinção de ideais políticos ou religiosos para a reunião de protesto, contra a reação espanhola e de solidariedade a Francisco Ferrer e seus companheiros, a qual se realizará no dia 17 de outubro de 1909, às 2 horas da tarde, no salão da Rua do Hospício, 166, gentilmente cedido pela sua administração. Rio, 13 de outubro de 1909. — A Comissão.

“Nota: Convidam-se especialmente as associações desta Capital e do Estado do Rio, a fazer-se representar nesta reunião, podendo

mandar a sua adesão por escrito, caso não lhe seja possível fazer-se representar diretamente. As pessoas ou associações que não puderem enviar suas adesões até o dia 17, poderão fazê-lo depois, dirigindo-se à Comissão que continuará a funcionar até solução do caso. Toda a correspondência deve ser dirigida, provisoriamente, a Manuel de Almeida, Rua do Hospício, 166. Impressa parte deste manifesto, recebemos a fatal notícia: Ferrer foi assassinado pelo governo espanhol. Mais um motivo para que o nosso protesto seja mais viril e enérgico.” (Esse manifesto foi escrito por Manuel Moscoso, membro da Comissão.)

Na edição do “Correio da Manhã” do dia 13, saiu, ao pé de um telegrama de Madrid, com data de 12, uma nota da redação com referência a Ferrer. Nela repetiam-se as coisas já ditas contra ele, e forjadas pela imprensa reacionária e clerical da Espanha.

Quem a escreveu demonstrou que ignorava os fatos, personalidade e obra do mártir de Montjuich. Esse comentário produziu geral desgosto nos meios operários conscientes, mormente por se tratar de um jornal conceituado na opinião e tido como defensor das causas justas e da liberdade dos cidadãos. Ante essas notícias detratórias, de alguns comentaristas do telegrama, o companheiro Máximo Suárez, de acordo com a Comissão, escreveu um artigo em espanhol, na tarde desse dia, quando reunidos na sede da Federação; à noite, juntamente com Carlos Dias, Moscoso, Ulisses Martins e outros, levou-o à redação desse matutino, pedindo a sua publicação, pois tinham na mais elevada conta a imparcialidade de sua redação. Ali esses companheiros, em conversa com alguns redatores, entre eles, o então jovem, Costa Régio, que olhava com certa simpatia os anarquistas, ao menos nesse tempo, demonstraram, com argumentos e conhecimento dos fatos ocorridos, a falsidade dos atos que atribuíam a Ferrer nos acontecimentos de Barcelona e como aliás, tinha sido provado perante o tribunal militar pelo seu defensor o tenente Galcerán que foi preso por ter protestado energicamente contra a decisão do Tribunal.

No dia 14, o dito matutino dava publicidade, mesmo em espanhol, ao referido artigo. Também, nesse dia, inseriu no noticiário do fuzilamento, parte dum artigo do jornalista português da redação de “O Mundo” de Lisboa, Eduardo Razón, no qual historiava a evolução ideológica de Ferrer e como tinha herdado considerável fortuna que pôs a serviço da educação racionalista, fundando a escola e casa editora “Publicaciones de la Escuela Moderna”. No dia 15, publicou o manifesto da Comissão e no dia 19, uma carta de Caralampio Trillas, defendendo Ferrer, na qual respondia a umas declarações feitas por um tal Mediano, Deputado espanhol, de viagem por estes lados da América, convidando-o para uma controvérsia pública, onde ele demonstraria como os governantes espanhóis, até o momento, tinham sido tiranos do povo espanhol. Portanto, honra seja feita à imprensa liberal do Rio de Janeiro, que, naqueles dias, imparcialmente, deu liberdade a todos os protestos dos homens livres em defesa da justiça e da liberdade de pensamento.

O artigo em referência é o seguinte:

FRANCISCO FERRER

Ante el mundo civilizado

Del uno al otro confin del mundo civilizado, o mejor dicho, con intenciones de civilización — al decir de varios escritores contemporáneos — se agita al redor de las levandades y hechos del gobierno español una de las mayores epeoyas de repulsión y asco. Repulsión hacia sus procederes vandálicos y de asco hacia la bajeza moral que anima a un gobierno jesuitico, colocar la vida de varios cerebros iluminados — prez y gloria de la España contemporánea — a merced de la vaciedad mental de unos cuantos desgraciados, que en toda su vida consiguieron distinguir sus diferentes personalidades a no ser por su supina ignorancia, y por los galones colocados en las mangas de sus casacas.

Todo esto es lo que está sucediendo en los actuales momentos en esa vieja España mi primera y antigua patria — en las presentes emergencias.

Nación carcomida por vetustos y egoísticos gusanos, monárquicos, jesuiticos y militaristas, todos ellos compactados en igual hilera, y de comun acuerdo, tratan por los medios mas brutales, mas barbaros y mas inquisitoriales, de apagar el grito sano, la palabra energética, de toda una pleyade de virilidades sanas iluminadas, predicando incesantemente la regeneración de una parte de la humanidad que sigue en retroceso al progresivo desenvolvimiento de la sociedad humana y de paso firme para el abismo.

El caso es palpable. Lo que sucede con Francisco Ferrer, el primer fundador de la Escuela Moderna de Barcelona y de la educación racional en todos los países del mundo civilizado, como lo comprueban las estadísticas

ticas de sus boletines diseminados en varios idiomas, por este suelo que hoy pisamos, y por aquel que ayer vimos en los diferentes países que frecuentamos.

Los diferentes directores de la Escuela Moderna, ayer de Barcelonay hoy universal, pueden considerarse solamente al reparar sus obras y trabajos científicos, a la par, — sino por cima — de los mayores, de los mas profundos hombres de ciencia, investigadores y filosofos.

Despues de la muerte de Elisec Reclus, intimo amigo de Ferrer, con quien sostenia bastantes relaciones al respecto de la verdadera orientación de la infancia, Ferrer buscaba, incansablemente, horizontes para librar a los pequeños seres — asi como tambien a los grandes — de continuar sumidos en las tetricas cavernosidades de la ignorancia. Pretendia elevarlos hacia otro mundo, es decir, haver la tierra patrimonio de todos concitando los derechos, que hoy solo se ven en las diferentes castas constitucionales de varios países que hacer para ello?

El bien lo comprendia. El camino era uno. Eran varios, mas uno solo presentava con solidez, con bases firmes e indestructibles. La educación, la enseñanza racional, clara y concisa, livre de los sofismas y aduiteraciones de las demas enseñanzas.

Comprenderlo y empunder su grande proposito fué obra de madurada y reflexiva. Ferrer no era ningun impulsivo. La vasta y laboriosa obra de toda su vida, bien lo demostró al mundo civilizado, donde cuenta mayor numero de simpatias que muchos de los mas eminentes politicos de las diferentes naciones reunidas en blok.

Desgraciadamente, aqui, en el Brasil — asi como tambien en otros muchos países, cuentanse en el periodismo un sin número de ligerezas, que unas veces dan lastima y otras risa para quien conoce a fondo los asuntos que se tratan.

No me hubiera imiscuido en este asunto, si un comentador de telegramas, o una ó dos redaciones de diarios, que de unos dias para esta parte se puso en la moilera, como se dice en buen español, comentar algunos de los despachos de su servicio telegrafico con absoluto desconocimiento de causa.

Tal fué el comentario que hicieron ayer sobre el director de “O Povo de Aveiro”, y el que hacen hoy, sobre Francisco Ferrer como los puede demostrar el obscuro redactor del presente suelto.

Ferrer nunca fué un anarquista por los hechos, y sin un educador, razonado, inteligente, que en los actuales momentos tenia emprendida la grande campaña de la educación racionalista, livre de todo preconeto en el viejo mundo.

La Escuela Moderna contava con inumeras sucursales en todos los países, siendo Ferrer su alma principal. En Alemania se hallaba al frente de ella el celebre autor de “Los Enigmas del Universo”, Ernesto Haekel; en Italia, el celebre escritor Giuseppe Sergi, autor de innumerables obras, asi como en Paris y Bruxelas contaba infinidad de escritores y profesores, fuera del fuerte nucleo de almas femeniles que le daban el imenso vigor, la fortaleza sublime que mataba y continuará matando el espíritu rutinario que hoy todavia persiste, enlodando las consciencias infantiles, y rasguardando de los esplendorosos rayos del futuro sano, los espíritus enfermizos.

L’Ecole Renouvelée, es uno de sus organos, en Francia y Bélgica, y en Italia Scuola Laica, asi como en España el ya famoso boletín La Escuela Moderna.

Todos estos organos llevaban al mundo entero la impresion, el eco de la nueva enseñanza, que viene a destruir los grandes errores existentes, que hacian de la niñez siervos rutinarios e inconscientes de las creencias y obsesiones de nuestros antepasados.

Todo esto es lo que valió a Ferrer la constante persecución de que venia siendo víctima de hace mucho tiempo.

Además de todo, él era el alma de un centenar de colegios como actualmente cuenta la Escuela Moderna, los cuales son frecuentados por millares de alumnos y hallándose al frente de los mismos, cateóricos y profesores de ambos los sexos de reconocida capacidad.

Ferrer, con su espíritu tenaz e inteligente, llegó a triunfar, no solo, sobre la España, ruinosa, carcomida e inquisitorial — y esto mucho apesar de su muerte — sino que ante las clases retrogradadas de los diferentes países de un mundo que hoy día por sarcasmo llamamos civilizado.

Vaya, pues, mi grito de aplauso a quien tan valientemente supo fundar tan solidas bases para la obra colosal, que continuará apesar de todos los barbarismos de un sistema tan inquisitorial como el imperante en la tierra española, convertida en borron universal por los barbaros dirigentes de sus destinos.

Máximo Suárez

Não será demais dizer aqui duas palavras sobre o companheiro Máximo Suárez; ainda imberbe emigrou da Espanha, Astúrias, para a Argentina e lá trabalhou de garçon, instruindo-se quando se sentiu atraído pelo ideal anarquista. Em 1907, fazia parte do corpo de redação do diário anarquista “La Protesta” de Buenos Aires, contava ele 25 ou 26 anos, nessa altura. Nesse ano foi expulso daquele país, pois o governo argentino vinha perseguindo sistematicamente os operários estrangeiros, desde que aprovara a lei de residência em 1904. Sabedores os companheiros do Rio, do navio em que viajava, combinaram-se com alguns operários da estiva e a fuga lhe foi facilitada, apesar da vigilância da policia marítima. Aqui, no Rio, empregou-se como vendedor de máquinas “Singer”. Em 1910, constituiu família casando-se com uma professora do magistério público desta Capital, sendo ela natural de Campos.

(Continua)

NOSSA IMPRENSA

Recebemos o número único de **Emanzipazione**, publicado pela **Unione Sindacale Italiana**, aderente à A. I. T., em Carrara, no mês de setembro de 1955.

Emanzipazione promete ser mensal. O número recebido veio acompanhado da seguinte carta:

Companheiro!
Como verás, **Emanzipazione**, órgão mensal (por ora) da União Sindical Italiana, aparece pela primeira vez para assumir seu posto de batalha e fazer ouvir sua voz onde quer que se vá perdendo o hábito de ouvir-se uma voz livre. Na Itália, como em todos os países do mundo hodierno, são vítimas de movimentos políticos as grandes organizações que do revolucionarismo fizeram conformismo e conservadorismo e que se valeram das aspirações de liberdade e bem estar do povo para fins políticos, eleitorais e até econômico-políticos. Contra essa especulação, entendemos nós lutar e um dos meios melhores à nossa disposição é a imprensa; mas, para fazer que esta se propague e alcance os objetivos que nos propomos, necessário é que ela, a mais de seu conteúdo ideológico, seja amplamente informativa e realize uma obra de informação imparcial e documentada, que a capacidade de prevalecer ante as outras correntes que dispõem de fartos meios econômicos e organização internacionalmente perfeita aptos a seus fins.

Nós da comissão de redação e **Emanzipazione** cremos que, com tua colaboração e a dos companheiros de boa vontade, em todos os países onde existem anarquistas e sindicalistas-revolucionários, se pode organizar uma rede de informações por correspondência, acolhendo os fatos mais salientes e importantes para nossos fins e todas as notícias que a imprensa voluntariamente ignora por serem aptos a criar um clima revolucionário ou inquietações tendentes a incomodar a boa paz dos governos e das categorias dominantes. São-nos de sumo interesse todas as notícias referentes às agitações que a imprensa burguesa ou de partido silenciam ou publicam omitindo

o justo relêvo e que naturalmente nos chegam diminuídas ou deturpadas. Se obtivermos tua colaboração em tal sentido e a de ao menos, uma parte dos companheiros a que nos dirigimos certamente poderemos fazer de **Emanzipazione** um grande jornal sob todos os aspectos e teremos dado um passo avante na luta que diariamente combatemos pela emancipação do proletariado.

Confiamos em tua colaboração ou quando menos, uma resposta em que desses tua opinião sobre nossa iniciativa e fizesses propostas, inclusive tuas criticas.

Saudamos-te fraternalmente.

NOTA de AÇÃO DIRETA. O primeiro número de **Emanzipazione** é muito bem feito sob qualquer aspecto. O desejo manifestado de colaboração nossa, informativa, é vão porque raríssimos fatos poderíamos levar aos companheiros de Carrara. E' que, nesta banda do Atlântico, impera o totalitarismo político e em tal ambiente, os sindicatos livres desaparecem e é de todo impossível qualquer tentativa de ingressar-nos na nos meios sindicais. Há dez anos, trabalhamos para isso; porém, todas as nossas investidas têm sido totalmente infrutíferas. Além disso tirania férrea do Estado dentro dos sindicatos, ainda cumpre enfrentar os bolchevistas, os falsos comunistas, a pior lepra política de todos os tempos. O que fazemos pode ser seguido em nosso periódico e, por muito que façamos, nossos êxitos são comparativamente poucos.

Devemos salientar aqui, ter **Emanzipazione** surgido como resultado do Congresso de Módena, realizado aos 23, 24 e 25 de abril deste ano.

E' nos gratíssimo saber, pelo artigo de fundo, que a União Sindical Italiana renasce com extrema galhardia. Diz assim: “Estar a U. S. I. em fase de franco renício é a impressão recebida ao ouvirmos as primeiras afirmações da nossa organização. Afirmações confirmativas da validez dos nossos métodos de luta, pelos quais nos distinguimos, inequivocamente, dos demais sindicatos. Na recente parreira, levada a bom termo em Carrara,

abriu-se rumo a uma nova feita de ação sindical (nova ao menos atualmente) e que se pode assim definir: defesa sem tréguas dos interesses dos trabalhadores. Com efeito, a agitação empreendida e concluída com obtenção de 11% de jornada total e indenização das jornadas perdidas durante a greve, diferiu muito das outras, por sua intransigência, pela união dos obreiros, pela ação espontânea da base e pela firmeza dos representantes da U.S.I. em frente aos empregadores. Já era tempo que o espírito dos trabalhadores retomasse o seu papel predominante nas ações sindicais. Era tempo de dar-se fim a agitações inúteis e até nocivas, a contagotas ou a cronômetros, de sectores, etc., que aviltam os paredistas e os ridicularizam perante a opinião pública. Era tempo de abandonarem-se as paredes políticas que prendem os fatos e as necessidades locais ao carro dos partidos doentes de elefantíase, de partidos a que não interessa realmente a solução deste ou daquele problema, senão apenas o ter alguma coisa que reivindicar ante o partido adversário, para aborrecê-lo ou diminuir-lhe a influência. As necessidades dos trabalhadores são indispensáveis à demagogia partidista e o povo, com todas as suas misérias e reivindicações, serve de cobaia e nele se exercem as operações e experiências dos cirurgiões da alta política”.

Mais estas palavras ótimas para os sindicatos do Brasil: “Aceitas essas considerações é forçoso concluir que sindicalismo e política de partidos nos grandes sindicatos são cousas opostas. Com efeito, um sindicato, para ser tal, deve associar os trabalhadores para defendê-los das rapinagens patronais e preparar-lhes as consciências para uma sociedade sem explorados, nem exploradores. Ao contrário, o único fim dos partidos é galgar, por todos os meios, o poder, ou defendê-lo se já o detêm”.

O exemplo do processo por ação direta vitorioso em Carrara, mostrou, a todos os trabalhadores de Itália, ser a **Unione Sindacale Italiana** o verdadeiro baluarte do proletariado peninsular por não ser política, por ser em tudo e por tudo, seguidora dos ensinamentos anárquicos.

Emanzipazione deve ser lido e relido pelos anarquistas do Brasil. Endereço: Itália — Carrara, Ponte Baroncino, 2.

O MACACO ADESTRADO

(Conclusão)

O dinheiro, alavanca do poder, corrompe e envenena a opinião pública, transforma os códigos e as constituições em instrumento plutocrático.

Tanto lhes faz a paz como a guerra desde que se respeitem seus sagrados interesses, isto é o lucro mercantil. Ou, noutras palavras, esse interesse absoluto do Estado não é nenhum interesse irreal ou metafísico; ao contrário, é o interesse, bem palpável de uma classe privilegiada, cujo máximo desejo é precisamente, apresentar seu interesse como interesse do Estado. Compreende-se, pois, que essa classe tem vivo interesse em pregar todo respeito ao Estado, assegurador das riquezas acumuladas com o trabalho alheio.

Acima desse interesse sagrado se edifica o palácio da mentira: o interesse geral baseado na ignorância geral.

Assim, por toda a parte, se nos deparam mentiras; mentiras no ensino, nas vias públicas, nas igrejas, na política, na administração, nas relações externas. E, no entanto, vivemos numa sociedade de admiração recíproca, a moral dos salsicheiros de Chicago.

O povo morre para salvar o Estado, mas Plúto, o deus grego do dinheiro, vive para auferir o espólio das hecatombes. Plúto não cai, sempre está firme, de pé, séculos em fora, insensível a tudo quanto não for seu vil metal.

Em suas mãos mágicas, tudo se metaliza e seu cérebro é um registro de algoritmos. Sua arte é a arte de furta e sua filosofia é a filosofia da força e a Igreja põe uma fechadura no seu cofre, introduzindo no catolicismo um mandamento que faz da propriedade, roubo legalizado pelo Estado, cousa sagrada.

Ora, o povo está exausto de tanto obedecer, detesta o militarismo, opressor e empobrecedor, descre dos políticos desbristados, amaldiçoado a burocracia e grita desesperado:

— Não há remédio! Sempre foi assim!

Nós anarquistas respondemos: — A culpa é tua. Esse Estado que odeias, que te oprime, que te furta, é tua obra, a pior. Quem faz o amo é o escravo. Os Estados são duram enquanto reconhecemos, como nossa, sua vontade dominante. Tivemos es

AÇÃO DIRETA

Encontra-se à venda, no centro, nas seguintes bancas:

Na E. F. C. B. (na rampa de saída).

Em frente à Light.

Na rua Marechal Floriano, esquina de Conceição.

Visc. de Inhaúma, esquina de Av. Rio Branco.

Av. Rio Branco, esquina de Sete de Setembro.

Galeria Cruzeiro, esquina de Bittencourt da Silva.

Av. Rio Branco, esquina de Bittencourt da Silva.

Lapa (ponto de bondes).

Uruguaiana, esquina de Alfândega.

Largo de São Francisco, esquina de Andradás.

Praça Tiradentes, esquina de Sete de Setembro.

PREÇO: Cr\$ 2,00

indivíduos vontade própria, eliminar-se-ia o Estado. E' isso que prega o anarquismo.

Com efeito o anarquismo nega o Estado e nisso consiste sua originalidade. Negando o Estado, nega a autoridade, isto é, o direito de um grupelho de indivíduos dominar uma coletividade. Negando o Estado, nega também qualquer ideologia ou partido que o reconheça, o sustente, o sirva.

Assim, a humanidade tem de decidir entre a força organizada e a liberdade positiva, entre o Estado e a Anarquia. Não há outra saída! Com o Estado perpetuaremos a barbárie e a miséria. Com a Anarquia, alcançaremos a libertação do valor mais alto: o Humano! O macaco adestrado será então verdadeiro Homem!

Bau de Lembranças

"O DINHEIRO"

"O dinheiro é a mola real desta vida", diz-se; "o dinheiro abre todas as portas", acrescenta-se. Tudo com ele se adquire: o pão e os livros, o vestuário e o saber, as consciências e os palácios, a arte e o calçado, o prazer e os eletrores, uma mobília e um noivo, o braço do operário e as carícias das mulheres — honras, proteções, fama, amizade, tudo!

E, ao mesmo tempo que se proclama, com um terror supersticioso, a onipotência do dinheiro para a conquista das riquezas, reconhece-se com a alma dilacerada, que ele deixa sobre a vida um profundo sulco de desgosto, que ele derrama uma névoa sobre todas as alegrias.

Pelo dinheiro, jovens mortificados de desejos, deixam passar tristemente a mocidade, e, quando, enfim, conseguem apoderar-se da inebriante taça do amor, é com uma prega ao canto da boca que a levam aos lábios. Passou o tempo, e veio tarde o gozo, que só o dinheiro permite.

Quantas aspirações mortas! quantas vocações sufocadas, torcidas, desviadas! quanta obra perdida! Arte, Ciência, Filosofia, o Dinheiro é o vosso inimigo!

Com uma moeda entre os dedos, um senhor faz consumir, numa fadiga bestial, durante horas e horas, dezenas de seres humanos, famintos de algumas rodélas de cobre.

O dinheiro! Disseram-no destinado a facilitar as trocas e ele tornou-se instrumento de tráfego; disseram-no capaz de determinar o valor, e útil para a economia, e isso significou dividir o trabalho em leve e pesado, agradável e fastidioso, nobre e ignóbil, útil e inútil, e isso permitiu a acumulação e deuses o avarento! Acumular, pagar, pôr a juros, transmitir: eis o segredo da tirania!

"O dinheiro abre todas as portas". O dinheiro dá-nos tudo — a terra, o próprio céu! E o homem lança-se atrás do idolo, atrás do bezerro de ouro, de olhos injetados de sangue, louco, cego, tropeçando, aos encontros. E uns fazem-se avarentos, possessores da terrível loucura do "vil metal", outros, os que o tiveram sem esforço, ignorando as lágrimas e o sangue com que está cunhado, põem-se a lançá-lo ao vento, num esbanjamento de forças, que — estranha contradição — se torna útil!

"O dinheiro abre todas as portas!" E os homens precipitam-se desvairados em sua perseguição, batendo-se, ferindo-se, odiando-se, e deixando ao lado, sem os ver, o amor, a paz e a alegria, e deixando ao lado, sem a ver, a vida toda!

Torna-se uma idéia fixa; praticam-se todas as infâmias, exploram-se, rouba-se, assassina-se, desce-se ao fundo da terra, entra-se no antro das fábricas, executam-se todas as fainas do escravo, sempre com os olhos fixos nele. Para se conquistar isso que dizem ser a mola da vida, arruina-se a própria vida!

Nessa carreira ofegante — atrás de que? — duma mentira: é a própria vida que os seres não vêem! A seu lado estendem-se vastos campos incoltos para o pão, erguem-se montanhas de granitos para as casas, estendem-se ferro para as máquinas! A natureza, sensual, rica, amorosa, abre os seus braços para o homem, solicita-o, convida-o: — "Aqui me tens! fecunda-me, sou tua! Serás rico, imensamente rico; livrar-te-ás da preocupação do dinheiro, porque no meu seio poderás sorver toda a vida, repartida entre a ciência, a filosofia, a arte e o trabalho! Ama-me. Fecunda-me. Sou tua!"

Mas ele não ouve, não vê, não compreende, tão habituado está a repetir a si próprio que o dinheiro é tudo, que é com os olhos espantados, a boca rasgada numa expressão de pasmo, que ele te fixa, se tu o seguras por um braço e lhe gritas:

— Que procuras tu, louco? Em que consumes a vida estupidamente? Comes o dinheiro? O dinheiro veste-te?

Louco! Conquista a natureza e não o dinheiro. Dela obterás todas as riquezas, a abundância que buscas tem-na ela ao teu dispor; porque não lh'a arrancas? A abundância dá-te paz, harmonia e amor.

Vai com os outros homens, em livre acôrdo, à conquista do bem estar e de gozos, mas não corras atrás de uma quimera, lança-te nos braços da realidade: a Natureza, a boa amante. Porque tens fome, se ela te dá pão? Porque andas nít se ela te oferece o linho? Porque te fadigas tanto, porque te extenuas, se ela tem ferro para as tuas máquinas? Porque moras numa pocilga, se ela te dá a pedra? A natureza não é de poucos, é de todos. E para que havia de ser de um impotente que a deixa estéril, se o seu seio fecundado pode a todos dar a vida?

Louco, livra-te da tirania do dinheiro e de quem a impõe. A mola da vida não é o dinheiro: hoje a vida está mal assente e daí o desequilíbrio. Deve assentar sobre o trabalho, que é o beijo que tu dás à natureza para a fecundar, e não essa pena de escravo que o dinheiro te causa, gerando o ódio. E a Natureza ajuda-te na tarefa com as forças do raio e do vapor, com os milhões de braços de ferro das suas minas. És imensamente rico! Porque te obstinas em viver como pobre! Abre os olhos para a vida que te rodeia!

De braços abertos, lábios ardentes, olhares voluptuosos, a Natureza oferece-se: A natureza é tua! Porque não gozas? Porque não fecundas?

NENO VASCO

(Do "Despertar" do Pôrto, de 3 de dezembro de 1903 — extraído do jornal "Brasil Operário", n.º 17 — 2.ª quinzena de janeiro de 1904. Capital Federal).

"RESPIGOS" DE CUADERNOS DEL CONGRESO POR LA LIBERTAD DE LA CULTURA

De Fernando Valera

(A respeito da entrevista do caudillo Franco com M. Lawrence, jornalista americano.)

Que na Espanha não existe nenhuma das liberdades aceitas pelos Estados-membros da O. N. U. ou da U. N. E. S. C. O., se vê tão claramente como a luz do sol, mesmo de longe, bastando apenas fixar nela os olhos.

Não há liberdade religiosa. O presidente Eisenhower seria na Espanha cidadão de segunda categoria, em virtude da sua crença protestante. O presidente Truman e muitos príncipes e reis da Inglaterra teriam sido delinqüentes, por causa da sua filiação à Ordem Franco-maçônica.

Não há liberdade política. Todos os partidos democráticos e liberais, até os moderados e conservadores, foram dissolvidos, declarados ilegais, e os seus militantes ou foram exterminados ou perseguidos. Não só os socialistas que governam países mais felizes e progressistas da Europa, mas ainda os correligionários de Mr. Churchill, isto é, os conservadores monárquicos, ou os do defunto senhor de Gasperi, os democratas cristãos, se fossem espanhóis, haviam de viver proscritos e à margem das leis.

Não há liberdade sindical. Só é permitido sindicato oficial da Falange, dirigido e controlado pelo Estado totalitário. Os sindicalistas americanos, se vissem e quisessem atuar como tais na desventurada península ibérica, estariam espiando o seu crime nos cárceres ou submetidos a regime de liberdade vigiada, no melhor dos casos, como os múltiplos e sucessivos comités da União Geral dos Trabalhadores, da Confederação Nacional do Trabalho e da Solidariedade de Trabalhadores Vascos.

Não há liberdade de pensamento. Os livros têm de passar por três censuras incongruentes, arbitrarias e anacrônicas: a falangista, a militar e a clerical. Enquanto não passam pelos estreitos canais do ideário clérigo-castrense que se identifica a si mesmo, de maneira caprichosa, com a hispanidade e com o catolicismo, a literatura e a filosofia não têm outros horizontes que a estultice, o palavreiro altissonante e oco do novo estilo, ou o barroquismo alambicado entre cujas voltas e colunas salomônicas, cabe deslizar de vez em quando alguma rebeldia.

Não há liberdade de imprensa. Todos os periódicos tradicionalmente liberais, como El Heraldo de Madrid, El Diluvio de Barcelona, El Liberal, El Mercantil Valenciano, El Pueblo de Valência fundado por Blasco Ibañez, e outros cem, foram confiscados pelo Governo, e os seus proprietários em muitos casos morreram na miséria ou se acham na prisão ou no destêrro. E não deixa de causar espanto que o mundo ocidental se escandalize quando o regime de Perón atente contra um periódico de Buenos Aires, e se faça cúmplice, com o seu silêncio, de cem atentados semelhantes contra a liberdade e a propriedade, perpetrados e não reparados, na Espanha.

Para Maior Glória de Satanás

Por PEDRO BOTELHO JUNIOR

O CARDEAL E O FILHO DE SATANÁS VÃO COLABORAR

Giovani Papini foi, durante vários anos, funcionário categorizado da biblioteca do Vaticano, onde dispunha de tempo suficiente para pesquisar tudo quanto lhe interessava em matéria de religião, principalmente as "relações" entre Deus e o Diabo.

O resultado dessas pesquisas foi publicado num excelente livro: — "O Diabo" que lhe valeu uma excomunhão com todas as honras. Nesse livro, o autor cita a história de dois papas, João 12 e Silvestre 2.º, que em vida mantiveram "as mais cordiais relações" com Pedro Botelho, pai, tomando parte em orgias onde não faltava nada para o maior êxito da bacanal: vinho, mulheres e... música.

Muitos anos são passados desses acontecimentos. Entretanto a história se repete, embora em outro sentido e com personagens menos categorizadas, mas descendentes da mesma árvore genealógica: um cardeal que também deve sonhar em ser Papa algum dia, e o filho do Diabo, ambos residentes nesta "Cidade Maravilhosa".

Pedro Botelho Júnior, desde bastante tempo, vinha pensando em mover uma campanha contra a má imprensa. E acontece que o cardeal pensava da mesma maneira. Perfeitamente identificados neste ponto de vista, o cardeal, chefe dos católicos brasileiros, realizou uma reunião a que compareceram diversos papa-hóstias bem instalados na vida e melhor colocados nos pontos-chaves do Governo, nos ministérios, nos jornais e nas repartições públicas. O filho do Diabo também compareceu tomando parte ativa nos debates e pronunciando as seguintes palavras: "Como o bom exemplo deve vir de cima e a boa justiça deve começar por casa, a má imprensa que leva o "imprimatur" dos bispos, cardeais e quase sempre do Papa, deve ser proibida de circular porque está provado que nada de bom ensina nem recomenda aos seus fanáticos leitores. A leitura do catecismo, do Antigo e do Novo Testamento, das pastorais, das encíclicas, enfim, de tudo quanto tem cheiro de santidade, é uma leitura perniciososa e tóxica, que começa embruteando a juventude e acaba aniquilando mentalmente a espécie humana. Por isso, peço ao senhor cardeal, que superintende a campanha contra a má imprensa e exerce a sua indiscutível autoridade sobre os poderes públicos, que tire da circulação os livros católicos e as revistas das irmandades e ordens religiosas, quase todos confeccionados com a contribuição compulsória de homens, mulheres e crianças sem religião e das tipografias que os editam. Uma vez que o filho do Diabo está de acôrdo com o cardeal, ambos devemos envidar esforços para levar a bom termo essa obra piedosa e profilática de desintoxicação mental. E dentro de certo tempo, podemos parodiar, em altas vozes, o "slogan" de certo refrigerante, cujos proprietários, através do governo do seu país de origem (U. S.), estão unidos de corpo e alma com o Vaticano: "Isto faz um bem!..."

ONDE HÁ DINHEIRO HÁ PADRE — AFINAL, QUEM "GOVERNA" ESTE PAÍS ?

Ainda não prestaram contas dos dinheiros arrecadados para a orgia clerical de julho último e os mesmos ministros de Deus estão preparando um novo assalto aos dinheiros públicos.

Desta vez o pretexto é a urbanização das favelas, problema este necessário, mas que encerra uma grande negociação e cuja única finalidade é transferir cruzeiros ou dólares do Brasil para o Vaticano e suas igrejas. O cardeal Câmara e seus bispos auxiliares, com Dom Helder à frente, se comprometeram perante o público a prestar contas minuciosas de toda a vultosa receita arrecadada para o Congresso Clerical, tendo para o fim de contabilizar todos os gastos, constituído uma comissão de prefeitos desconhecidos com que a confiança dos indicadores levou o público a se conformar.

Da madeira da praça do Congresso apenas uma pequena parte foi transferida para a construção de casas em duas favelas. O restante tomou destino ignorado, havendo quem afirme que foi vendida. O dinheiro apurado? Depois do conto...

A Cúria Metropolitana que devia explicar tudo isso para não deixar margem a dúvidas e desconfianças, não o fez até agora e o silêncio está causando estranheza.

A comissão indicada deve publicar o relatório dos seus trabalhos. Trata-se de uma soma que excede a um bilhão de cruzeiros, que o público quer e precisa conhecer.

Como dissemos anteriormente, ainda não satisfeito esse compromisso, porque a Igreja e seus chefes só conhecem e praticam o "venha a nós o vosso reino" (o vosso dinheiro, estaria melhor dito), já ensaiam uma nova investida, desta vez fantasiada com a necessária e urgente medida de urbanizar as favelas.

"O novo assalto ao Tesouro por parte dos cardeais (os mesmos que organizaram o Congresso Clerical), é dar dinheiro à Fundação Leão 13" — escreve o vespertino desta Capital — "O Mundo". — E acrescenta: "Isso através da Cruzada São Sebastião presidida pelo Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, para que ela resolva o caso da urbanização das favelas, a começar pela da Praia do Pinto, no Leblon, para evitar que a gente da elite, que vive naquela região da Zona Sul tenha vizinhança de um bairro de casebres e barracos. Por aí, se pode sentir o espírito humano (!) do empreendimento. Para isso o Presidente da República já pediu ao Congresso uma verba de 50 milhões de cruzeiros e — diz a nota oficial: "A Prefeitura do Distrito Federal, as entidades autárquicas, os Ministérios diretamente ligados ao problema: Trabalho, Saúde, Educação e Cultura, vão desenvolver esforços substanciais para auxiliar a grande obra." Assim, com dinheiro do governo, o Cardeal tomará mais esta empreitada, sem contrato, sem compromisso e sem prestação de contas. A primeira parcela a entrar para a "caixinha" do negócio são 50 milhões do Governo Federal. Claro que está tudo invertido. Em vez de a Igreja colaborar com o Governo, impõe que o Governo colabore com ela, entregando-lhe o dinheiro."

"Há necessidade de resolver o problema das favelas dando ambiente digno dos entes humanos que nelas vivem" — continua o citado jornal. — "Todavia isso não justifica a inversão nem a subordinação do governo ao Cardeal, pois naturalmente, contra a vontade de D. Helder, não pôde este apresentar ainda ao povo as contas do balanço do Congresso Eucarístico, nem a madeira foi destinada a barracos nas favelas como fora prometido. Segundo declarações de D. Helder Câmara, o plano abrange um período de 12 anos, ao fim dos quais se comemoraria o cinquentenário da Fundação Leão XIII. Ora, a tal fundação existe há 38 anos e não resolveu nada, não urbanizou nenhuma favela. A ajulzar, pois, pelo que já devia ter feito nesses 38 anos, recebendo vultosas somas, não se pode crer no que promete fazer nos doze que virão. Mas, o Palácio do Sumaré, que ficou em vários milhões, foi construído para residência de repouso e veraneio do presidente da Cruzada, o Cardeal D. Jaime de Barros Câmara."

Conclusão: em 12 anos, à razão de 50 milhões cada um, serão gastos 600 milhões de cruzeiros. E daqui a 12 anos as favelas continuarão sendo as mesmas, acrescidas de mais miséria e menos conforto, a menos que até lá a situação mude, para cuja finalidade devemos empregar todas as atividades, pois não alimentamos a menor esperança de que o governo clerical-capitalista que governa este país, consiga resolver o problema.

Onde há dinheiro há padre. E a urbanização das favelas vai render bastante para os adeptos da doutrina católica. A menos que o Congresso recuse os créditos solicitados para esse fim. Entretanto, se os conceder, não devem ser entregues, a quem não tem o direito de imiscuir-se em assuntos que só ao Governo Federal ou à Prefeitura competem.

Afinal de contas, quem "governa" este país?

BARRAL

COMO VIMOS A CONSPIRAÇÃO...

(Conclusão)

se suicidara para fugir à cadeia) tinha perdido as posições porque entregara a solução dos problemas a um Governo que logo todo burocratizou, não tomando iniciativas para reformas, nem punindo todos aqueles que deviam ser punidos a partir de 24 de agosto, numa hipérita concepção de legalidade, criaram os generais do Retôrno, ânimo (o susto já havia passado) e passaram à ação.

Tinham o mesmo ponto de vista, entre outros, os generais Estilac Leal, Odílio Denys, Augusto Correia Lima, Lima Câmara, Segadas Vianna, Nelson de Mello.

Começaram por um levantamento da situação geral, indo a sua análise ao interior dos partidos e ao seio das outras armas.

Notaram que a candidatura do general Juarez Távora encontrava boa acolhida no meio militar, exceto entre os oficiais subalternos.

Passaram a acompanhar, um por um, os passos do "Grupo de Coronéis". Entraram em contato com os congressistas e com os líderes dos partidos, deixando de fora a U. D. N., estimulando os políticos a resistirem à ação do "Grupo dos Coronéis" que se achava, com grande vantagem, pelo perfeito conhecimento que tem dos problemas nacionais, em franca luta junto aos parlamentares, a fim de, ou pelo parlamentarismo ou pela reforma constitucional, poder realizar as reformas que não puderam levar a cabo, logo a partir de 24 de agosto, em virtude da orientação do novo Governo.

Quando o coronel Mamede leu o discurso, estava presente o Ministro, que podia, nessa ocasião, prendê-lo e não o fez. Quando já o não podia, é que quis fazê-lo.

Qual teria sido o motivo da decisão retardada?

o homem que, consoante declaração do coronel Antônio Carlos de Andrade Serpa, em seu depoimento, enriqueceu no desempenho da função pública e se negou a prestar esclarecimentos sobre a origem da sua fortuna, e, para vice-presidente, de João Goulart (Jango), candidatos dos generais do "Retôrno", temendo estes que viessem a ser criadas condições para evitar-lhes a posse, uma vez que eles representavam a continuação dos processos políticos anteriores a 24 de agosto, e tinham sido eleitos com o apoio do Partido Comunista, na ilegalidade, mediante acôrdo que se tornou público, passaram apenas a aguardar um pretexto para a ação. Os grupos comunistas e os pelegos petebistas, durante a campanha eleitoral, e mesmo nos dias do golpe, espalhados pela cidade, viaavam e até mesmo ameaçavam de agressão a quantos procuravam contraditá-los. Pediam mesmo a cabeça dos seus adversários em altos berros!

O pretexto desejado vieram encontrá-lo no caso criado pela leitura do aludido discurso, junto ao túmulo do general Canrobert Pereira da Costa, a quem, por fato idêntico, Teixeira Lott pouco antes defendera.

Quando o coronel Mamede leu o discurso, estava presente o Ministro, que podia, nessa ocasião, prendê-lo e não o fez. Quando já o não podia, é que quis fazê-lo.

Pelas palavras do deputado Armando Falcão, atribuídas ao General, quando na Câmara, ridiculamente, pretendia justificar o golpe, deduz-se de duas uma: — ou Teixeira Lott impunha ao Presidente Carlos Luz, uma solução que era sua e dos generais do "Retôrno", ou sabia que o golpe seria desferido se o coronel Mamede não voltasse às fileiras do Exército para ser punido. Em qualquer dos casos, a posição de Teixeira Lott não é boa. Numa, por conspirador; noutra, por pusilânime.

Aliás, os próprios companheiros de conspiração não tinham o Ministro em grande conta, dispostos que estavam a abandoná-lo tão depressa ele deixasse de dar provas de estar na mesma linha de ação.

Por mais de uma vez, Teixeira Lott tomou atitude contra João Goulart.

Afinal, após consultar a quem podia opinar em tal matéria, o Consultor da República, Temístocles Cavalcanti, não pune o Presidente Carlos Luz o coronel Mamede e o mantém na Escola Superior de Guerra.

Demite-se o Ministro, que é substituído pelo general Fiuza de Castro. Era o pretexto! "Provoação aos brios do Exército!"

Odílio Denys procura a Teixeira Lott e o induz a reassumir o Ministério. Após breve luta íntima, fala mais alto a validade ferida. Põe-se em execução o plano que só reclamava um pretexto. São ocupados jornais, estações de rádio e outros estabelecimentos como a Cia. Telefônica e os Correios e Telégrafos. As tropas ocupam os pontos considerados estratégicos. Há prisões como a do Chefe de Polícia, vítima de uma cilada. Imobiliza-se, praticamente, a Marinha e a Aeronáutica, em virtude da surpresa. Tenta-se prender o Presidente Carlos Luz que se refugia a bordo do vaso de guerra "Tamandaré", com outros políticos, com alguns militares, e com o fantasma dos elementos da ditadura e dos comunistas, o desasombrodo jornalista Carlos Lacerda, contra quem insuflavam massas de fanáticos. Implanta-se a censura de imprensa. Lizados que estavam já a líderes políticos, dão a chefia do Governo ao Presidente do Senado, Nereu Ramos, pretendendo legalizar o ato por uma farsa do Parlamento, dominado pelo P. S. D. e P. T. B., farsa muito digna dos farsantes, com espetáculos noturnos e diurnos.

Restabelecido, tenta o sr. João Café Filho voltar ao Poder. Mas, apesar das declarações de Lott e Nereu, dizendo que nada impedia que ele reassumisse, porque supunham que não o tentasse, cercam-lhe a residência, onde fica como prisioneiro. Tenta o recurso ao Judiciário, mas o Estado de Sítio e as tropas na rua puderam mais do que aquele Poder!

Empossam-se afinal os candidatos que representam a corrente que dominava antes de 24 de agosto, agora, sim, ferindo os brios do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, se é que era honesto o movimento, que desencantou com a morte do ditador.

NO PARAISO DE SALAZAR

Por EDGART RODRIGUES

VII

"Combate à mendicância": — apreçoam os jornais portugueses, das últimas semanas. E com tal demagogia alardeiam tal combate, que chegam a convencer o público de que o governo do Dr. Oliveira Salazar realiza obra eminentemente social.

Analisemos este triste aspecto da propaganda totalitária.

Não sei, francamente, como a ambição do mando domina os homens a tal ponto, que os leva a combater com cinismo revoltante o mandamento que manda dar de comer a quem tem fome.

Senhores demagogos, partidários do Salazarismo. E' tempo de falar a verdade e de descobrir o cadáver putrefacto da ditadura. Vamos recorrer aos fatos.

Meu pai, depois de inúmeras perseguições dos sicários de Salazar e de ser expulso dos Serviços de Administração dos Portos e Docas de Leixões, morreu em consequência de desastre de trabalho. Sabem qual foi a pensão que o Tribunal do Trabalho da Cidade do Porto designou para ser paga a minha mãe? Dois escudos e cinquenta centavos por dia. Quantas centenas de pessoas percebem benefícios desta natureza (que se não fora a solidariedade de amigos ou pessoas da família, lhes permitiriam morrer de fome)? Recordamos ao noticiário dos jornais: — "Ontem, respondeu no Tribunal da Polícia a Sra. Eulalia Augusta dos Santos, viúva, por ter sido autuada quando remexia nas latas do lixo expostas nas calçadas das ruas da cidade. Justificou a sua atitude assim: — Sou viúva, pobre, pois, sendo cozinheira, ninguém já quer os meus serviços por estar velha e tenho ainda três filhos pequenos que sustentar — dos deztoito que Deus me deu" (Jornal de Notícias, Porto ... 3-12-1954). Aqui, traduz-se um dos processos de combate usados pelo Governo contra aqueles que buscam nas latas do lixo algo para comer por não poder mendigar. Lá estão a implacável polícia e a lei benemerita de Salazar.

"Apanhado nas malhas da lei ao tomar uma atitude de solidariedade humana, o estudante Manuel de Oliveira Teixeira, de 18 anos, ao ser interrogado pelo juiz, disse: — Instalei um al-o-falante, mas aquilo era em benefício de um pobrezinho que estava de cama, entretendo. E o leilão era para ver se se angaria alguma cousa para ele. — Quem foi que organizou a festa? interrogou o juiz. — Fui eu, respondeu o jovem.

Apurados os fatos, o juiz não se conteve e exclamou: — O réu é um garoto de 18 anos, que está a dar aos homens uma lição de solidariedade humana. Novo como é, desconhece as armadilhas da lei e segue a direito a estrada da vida dominada pela bondade e sem sombra de mal. Sabia da existência de um pobre muito velho, paralítico e sem família, amparado por uns que lhe davam o caldo e por outros que lhe davam o pão para matar a fome. O réu apenas vibrou no desejo de o auxiliar, visando a obter algumas esmolas. Mas a comodidade e o egoísmo dos homens sentiram-se ofendidos com a obra de caridade." (Jornal de Notícias, Porto, 5-1-1955).

Quantos rasgos nobres desta natureza se impedem, no famoso "paraíso de Salazar", pagando bem caro os que tentam socorrer a miséria! E' mais fácil ser punido por lei o autor da obra de solidariedade acima citada do que aqueles que abandonam os miseráveis.

O mesmo jornal aludia a um drama em que as autoridades deviam intervir em socorro da infeliz e não o fizeram porque dava trabalho, enquanto no caso atrás referido havia uma multa em benefício da Polícia e por isso impediram o jovem exemplar.

"Miquelina dos Santos, paraltica, foi conduzida ao Hospital de St. António, pelos Bombeiros Voluntários de Valadares, e, após ligeiro tratamento, deixada abandonada, já depois de meia-noite, sob um telheiro" (Jornal de Notícias, Porto, ... 5-1-1955).

Enquanto se desenrolam fatos dessa natureza, que, muito por acaso, saem nos jornais, ao invés das autoridades tomarem providências, ficam à caça das multas de pessoas que andam descalças, que cospem no chão, atravessam a rua fora da esquadria, usam isqueiro sem licença, mendigam, promovem pedidos para auxiliar doentes e deitam pingos de água nas calçadas, etc. Esta caça à multa não impede que a miséria apareça. Pelo contrário, quantas vezes o dinheiro da multa, paga por andar descalço não impede o infrator de comprar sapatos!

A MISERIA DAS FAMILIAS PORTUGUESAS

Poderíamos citar centenas ou milhares de casos onde a miséria transborda o cálix da amargura, mas vamos limitar a transcrever opiniões de partidários de Salazar, por não admitirem dúvida. A senhora D. Maria Leonor Correia Botelho fez, na Assembléa Nacional, este apelo, que é também uma censura à cínica e demagógica administração salazarista: "O lidar dia a dia com os orçamentos familiares, diz-nos que a maior parte das famílias, e não me refiro à classe pobre e miserável, vive, com capitulações mensais baixíssimas e vive, o que é mais grave, na angústia de não poder resolver alguns dos mais instantes problemas, como sejam pagar a renda da casa, ocorrer às despesas com assistência e medicamentos, educar e preparar os filhos para a vida, isto sem fazer referência ao desemprego provocado pela doença que traz a ruína a muitas famílias". E finaliza: — "Impõe-se remunerar decentemente e humanamente os agentes do serviço social familiar, para que se não deixem adormecer processos; criar verbas para assistir diretamente às famílias. Não se compreende que, tendo o Estado criado um organismo com vasto e importantíssimo programa de acção, como é o Instituto de Assistência à Família, ele esteja a viver de subsídios da Direcção Geral de Assistência e do Fundo do Socorro Social e que, pelo orçamento do Estado, lhe não sejam consignadas verbas ao menos para pagar ao seu pessoal, pois nem isso faz".

Referindo-se ainda à situação das famílias médias e pobres, diz o deputado salazarista, Marques Teixeira: "Advogo que se faça tudo quanto seja possível para subtrair à tirania do económico, as famílias asfixiadas, quantas vezes, pelo ónus incomparável da renda de casa; quando se não degradam vegetam em tugúrios inqualificáveis". Diário das Sessões da Assembléa Nacional, de 30 de março de 1955).

Quando aqueles que sempre contaram grandezas da obra de Salazar são obrigados a dizer que "a família portuguesa está bastante doente" (Jornal de Notícias, de 31-1-1955) é porque graves sintomas se avizinhavam.

Sabemos que, nos números 4.º e 5.º do art. 14.º da Constituição, com os quais se correlacionam os arts. 42.º e 43.º e seus parágrafos, é apontada a família como relicário das maiores virtudes humanas. Ora, pelo que se analisa no famoso "paraíso de Salazar", só usufruem tais privilégios os apaniguados da situação. Se lançarmos um olhar sobre o povo do campo (jornaleiros) e sobre os operários das fábricas e oficinas, vemos estampado em seus rostos o estigma da fome e, o que é pior, de cada vez que falam, olham para o lado, desconfiados pois cada pessoa lhes parece um policial. O terror incutido em sua mente e na dos seus é uma das sábias obras da polícia de Salazar.

Analisando as estatísticas de 1954, vemos que dos 22.251 processos familiares levados à Justiça, trinta por cento dos casos ocorridos são motivados por desemprego e por doença. Ocorrência certamente ao leitor perguntar o que é feito dos dois por cento que todo o povo que trabalha desconta para o Fundo de Desemprego desde 1932 até os nossos dias e que somam alguns milhões de escudos.

Esse dinheiro arrancado aos miseráveis salários dos trabalhadores é para fazer estradas, algumas escolas e construir igrejas (a maior verba) e o resto consome-se em aparelhos mortíferos de guerra. E' desta verba colossal que se tem feito algo em Portugal e que, embora arrancada ao trabalhador, os fanáticos chamam obra de Salazar. O que não faria com tanto dinheiro o conhecido salteador José dos Telhados que roubava aos ricos para dar aos pobres. Talvez obra bem melhor!

E, bom que se assinala aqui, o chamado "Plano Marshall" (do qual existe ainda um débito) tem servido para o resto das obras em curso, como centrais elétricas e quartéis. Algumas classes como a dos empregados do comércio desfrutam de instituições de solidariedade, mas fundadas e mantidas pela iniciativa particular, inteiramente à margem do auxílio do Governo. Dispõem de casa de repouso para os seus inválidos e estão prestes a atingir cinquenta mil associados.

MORREM AS CENTENAS OS HOMENS DO MAR

Recentemente o "Mundo Português", jornal publicado aqui no Rio de Janeiro, noticiava: — "Foi elogiado na Inglaterra o processo de assistência aos pescadores portugueses e citado o navio-hospital, Gil Eanes, como modelo. Não nos importam navios velhos pintados de novo obra de fachada. O que importa é a miserável realidade do homem de mar português. Embora com retoques românticos pode ser analisada essa vida arriscada, no filme "Heróis do Mar".

Por sua vez, o jornal, "O Primeiro de Janeiro", de 13-5-1955, expondo-se a incorrer na ira da censura previa, fez um apelo ao Congresso da Pesca, com a intenção de obter para os pescadores a tranquilidade e garantia no fim da vida ou em virtude da incapacidade para o trabalho, até hoje sem resultado.

Mas o mais lamentável é que, enquanto de julho de 1954 a julho de 1955, se perderam por desastre (consequência de exercícios guerreiros) 19 aviões, cujo prejuízo atingiu cerca de 120 mil contos, dinheiro do povo (os tais dois por cento), faltam aparelhos de socorro a naufragos.

No mês passado, ocorreu, no Mar de Aveiro, o naufrágio da "traineira" "Graça de Deus", levando a morte aos vinte e cinco homens da sua tripulação, sem que o povo, que na praia assistia ao triste quadro, pudesse socorrer os infelizes por falta de meios!

Outras tragédias tem sucedido, entre elas; a que ocorreu junto à praia da Foz do Douro (Porto), em 1947, onde, dos 200 homens da tripulação, apenas dois se salvaram a nado. Por incrível que pareça tudo foi tragado pelo mar, em virtude da mesma falta de meios!

Dos 200 contos, oferta do povo de todo o país, as viúvas e os órfãos das vítimas até hoje nada receberam!...

A falta de meios para o socorro dos naufragos não é causada por falta de que rende a pesca. Só na Praia de Matosinhos no ano de 1954, rendeu .. 146.028.762\$ escudos.

As migalhas que sobram para os trabalhadores do mar (os mais humilhados de todos os trabalhadores portugueses, onde mais cresce a família e o número de analfabetos) só lhes permitem viver mergulhados na mais terrível imundície, a ponto de as autoridades, zelosas de esconder tal miséria, ordenarem que carros da Polícia apanhassem as famílias mais pobres (como se apanham cães) e as conduzissem a um velho casarão abandonado (antiga fábrica vinícola de Matosinhos) onde ficaram por mais de dez anos vigiados noite e dia por um ou mais policiais que lá faziam plantão. Como prisioneiros viveram até serem expulsos pelos compradores da fábrica e pagando estadia às autoridades locais. Hoje, parte dessa gente habita enorme favela (titulada "Xaigai") em terreno que divide a Cidade de Porto, da Vila de Matosinhos, e parte a favela situada nas conchédias — bocas de Sendim (junto da Vila de Matosinhos).

Os chamados "lobos do mar" portugueses não conseguiram, durante longos anos, possuir um par de sapatos nem penetrar em escolas oficiais. Eram, pelo atraso, quase uma sociedade à parte. Se houve alguma evolução foi da guerra para cá porque os nazis compravam a sardinha a qualquer preço com o auxílio dos germanófilos governantes portugueses. Isto sim, isto é obra de Salazar.

A IGREJA E O CASAMENTO

Hoje em dia não há mais ninguém que ponha em dúvida ser a Igreja Católica Romana e as outras Igrejas, dirigidas diretamente de Roma e de outras capitais, as que orientam os seus representantes nos diversos países para que obedeam cegamente às instruções recebidas, ainda que as mesmas estejam em desacordo e violem os dispositivos das Constituições vigentes.

A organização é perfeita e a disciplina rigorosa. Para o fiel cumprimento de todas as ordens emanadas dos diversos Papas, existem regulamentos e manuais que devem ser obedecidos sem pestanejar. Na apresentação de um desses manuais (da Igreja Católica Romana) que se destina aos missionários e serve de modelo para preparar sermões, encontramos as seguintes recomendações: "o fim principal desta publicação é que os sermões e instruções, assim como ai estão, sejam decorados, para auxiliar os jovens missionários que não somente desconhecem a lingua do país, mas também ignoram o ambiente em que trabalham e o auditório diante do qual têm que pregar. Demonstrou-nos a experiência que para eles é muito difícil, senão impossível, preparar sermões que possam obter o fim ao qual aspiramos."

E o citado manual publica, a seguir, os esquemas para apresentar em cada assunto conforme determinam textos e exemplos da "Sagrada Escritura". Do referido manual extraímos alguns trechos referentes ao matrimônio cristão e à sua santidade, pois o matrimônio cristão é coisa sagrada, (palavras textuais do manual).

"Quando dizemos que o matrimônio é coisa sagrada, não falamos do CASAMENTO CIVIL, que, para nós católicos, NÃO É VERDADEIRO CASAMENTO. O casamento civil, como sabeis, é o contrato que se faz perante a autoridade civil para os esposos, pais e filhos se assegurarem os direitos próprios de seu estado. E ESSE TODO O SEU VALOR, MAS TAMBÉM SEU ÚNICO VALOR. O casamento civil É, POR ASSIM DIZER, UM MAL, pois, em um país católico como é o Brasil, a simples certidão de matrimônio eclesiástico, sendo registrada civilmente, DEVERIA SER UM DOCUMENTO SUFICIENTE, para a lei reconhecer os direitos civis do casamento. O pior porém, é que a lei que regula o casamento civil infelizmente não se incomoda com as leis da consciência nem com as de Deus" (os grifos são nossos).

Como viram os leitores, de acordo com as instruções constantes do manual para os missionários organizarem os seus esquemas de sermões, a Igreja recomenda aos pregadores que digam do casamento civil é um mal e que a certidão do matrimônio eclesiástico DEVERIA SER UM DOCUMENTO SUFICIENTE.

E há mais: "QUEM SE CASOU SOMENTE NO CIVIL NÃO TEM DIREITO A CONVIVÊNCIA CONJUGAL. Perante Deus e a consciência, são pecados mortais todos os atos conjugais DAQUELES QUE SÓ SE CASARAM NO CIVIL."

Não é preciso aduzir mais nada ao já transcrito para provar que os agentes do Papa no Brasil pregam abertamente o desrespeito à Constituição e ao Código Civil, através das instruções que recebem para os assuntos de seus sermões.

E, se levarmos em conta o grande número de indivíduos de ambos os sexos que, por ignorância ou comodismo, ainda permanecem fiel e obedece "religiosamente" às recomendações da gente de batina, chegamos facilmente à conclusão de que muito temos que fazer em matéria de esclarecimento para o povo compreender o malefício que representa para a Humanidade o predomínio sempre crescente dos dirigentes da Igreja Católica Romana (e de outras religiões), sobre os governos e destinos dos respectivos países.

O recente caso de amor da princesa Margaret, cujo casamento com o coronel aviador Peter Townsend não se realizou devido à interferência da Igreja Anglicana, é mais uma prova para justificar a luta que deve ser mantida contra a influência nefasta dos representantes de todas as religiões que procuram conquistar e conservar, para dominar as consciências de grande parte da humanidade.

Acontece, entretanto, que, assim como no Brasil recrudescem a luta contra a Igreja de Roma logo após a realização do Congresso Clerical, na Inglaterra, também se abriu uma frente de batalha contra a Igreja Anglicana, (religião oficial), pela atitude tomada, impedindo o casamento da princesa com o coronel, que o mundo inteiro acompanhou com grande simpatia. É possível que isso seja o início de um vasto movimento para que a Igreja Anglicana tenha o mesmo destino do vasto império britânico, nos últimos tempos. Que não demore, são os desejos de todos os que lutam por um mundo sem fronteiras, cujo lema seja a liberdade e a igualdade.

P. B. J.

NOTA DE "ACÇÃO DIRETA". — Para que seja mais eficiente o controle das matrizes e mais eficaz a espionagem, o Papa Pio X, inspirado pelos jesuítas, donos da Cúria romana, criou os chamados "Vigilantes", emissários secretos, nomeados diretamente pelo papa e sem nenhuma obediência a quaisquer autoridades nacionais eclesiásticas, dependentes, portanto, exclusivamente dele, Papa.

São verdadeiros espões como se verificou no ruído caso de Monsenhor Montagnini em França.

O que diz o nosso colaborador P. B. J. está em quantos guias, manuais, catecismos espalhados as autoridades pelo mundo em todas as línguas. Em 1928, publicou-se, por exemplo, no Porto, uma tradução do célebre Catecismo do Matrimônio do falecido P. Joseph Roppenot, jesuíta, obra refundida e aprovada por 48 cardeais, arcebispos e bispos de França e Bélgica.

A pergunta se o casamento civil é legítimo, responde: "Não, não é legítimo aos olhos de Deus. E' nulo qualquer casamento contraído fora da Igreja. Aquêles que vivem juntos após esse casamento vivem em concubinato, e em estado habitual de pecado mortal" (p. 28).

Qual o remédio?
Resposta: "Celebrar matrimônio na Igreja e receber aí o sacramento, sem o qual não há matrimônio."

Para o Catecismo a cerimônia civil é apenas accessória, de vantagem social meras formalidades, mas "não passam de formalidades e se-lo-ão sempre" (p. 29).

O capítulo IV é todo contra a união livre, considerada bestial (p. 31). Confessa que "A união livre está entrando, cada vez mais, nos costumes. E' sobretudo nas grandes cidades que se desenvolve semelhante flagelo".

Na página 35, há um extrato de uma obra do padre Gibier sob a epigrafe: A união livre é um regresso à animalidade. Vale a pena ler-se esta corrente de sandices:

"O animal conhece o amor-instinto e não o amor-sentimental. O mesmo se dá com o partidário da união livre. Esse só obedece ao apetite carnal; assemelha-se aos brutos; só se lhe pode dizer que não é um homem e apenas conhece o amor da besta.

O animal abandona a sua companheira cega e frágil, a sua paixão dissipa-se, uma vez satisfeito. O mesmo acontece ao partidário da união livre. Não lhe faleis de juramentos eternos. Só procura, semelhantemente aos brutos, voluptuosidades momentâneas e sucessivas. A união livre rebaixa o homem à condição do animal. E' a própria negação da família Belo ideal a realizar! Excelente aquisição para a sociedade, não há dúvida, a desses pares de união livre, formados ao acaso, como no mundo animal, despedaçados dum momento para outro pelo choque das vontades e deixando os filhos ao abandono para o Estado se encarregar deles e os educar sem Deus, sem pais, sem irmãos nem irmãs, deixando-o velho, ao cabo da existência, desprezado como uma palha, prisioneiro sombrio numa Salpetrière qualquer. Uma vergonha a união livre! E' a animalidade no vício, na promiscuidade e na miséria!"

Vergonha, dizemos nós, é o supratranscrito chorrião de asneiras! Não as comentaremos. Apenas lembramos que a união livre é a única salutar saída para os padres católicos inconformados com a castração imposta pela estupidez religiosa. Numerosos os padres que se unem livremente a mulheres e constituem quase sempre famílias regulares, freqüentemente exemplares. Muitos deles não encobrem essa digna união e a Igreja fecha os olhos por não poder remediar o irremediável. Logo, o bateboca dos catecismos é deslavada hipocrisia, o mais normal característico dos exploradores clericais.

Nós anarquistas pregamos a união livre, consciente, sem igreja, sem Estado ou registro, sem cerimônia outra que a espontânea alegria do casal e seus amigos.

ASPECTOS DA LUTA CONTRA O PERONISMO NA ARGENTINA

Repareceram "La Protesta" "Acción Libertaria", "Reconstruir" e estão para sair "Organización Obrera" e "La Obra".

O recente movimento de libertação não foi apenas obra das forças militares, houve intensa e ativa participação civil. Descrições comoventes falam-nos do heroísmo nas horas incertas da luta, de mulheres e homens do povo, em Mar del Plata e em Córdoba.

Há, no entanto, grande número de operários partidários de Perón que estão amargando a tristeza do que consideram uma derrota irreparável. Este fato desolador mostra até que ponto pôde chegar a ação demagógica do peronismo e como é nefasto o sindicalismo dirigido privado da menor iniciativa e controlado pela ação dos chefes.

É digna de menção a atitude enérgica dos estudantes, que ocuparam os estabelecimentos de ensino e impuse-

ram ao Governo de Lonardi, a escolha de três elementos propostos por eles, para intervir na Universidade.

Abriam-se as sedes sindicais da T. O. R. A., há tantos anos fechadas pelo peronismo.

A Federação de Trabalhadores em Construções Navais realizou importantíssima assembléa a que assistiram mais de 5.000 trabalhadores e em que se resolveu, por aclamação, romper todos os vinculos com a C. G. T. e a A. M. A.

Em Mar del Plata, a União Obrera Local, que sempre lutou contra a ditadura peronista, readquiriu a sua influência no proletariado, o que representa baluarte decisivo de recuperação do movimento operário argentino. Em Rosário, já está funcionando um Comitê de Recuperação Sindical integrado por militantes ativos de 27 organizações, o qual empreenderá a tarefa de uma orientação sã, nos sindicatos.

HÁ MALES QUE VEM PARA BEM

É confortável para todos os que pensam livremente, registrar a luta anticlerical que se observa em todos os setores do pensamento contra a ação nefasta e avassaladora, desenvolvida em todo o mundo e muito especialmente no continente americano, pela inquisitorial Igreja Católica, após a realização do último congresso clerical. O chefe da "Internacional Negra", com sede em Roma, e o seu estado maior instalado estrategicamente nas capitais dos países americanos, como parte integrante dos governos, são os principais responsáveis pela situação angustiosa em que se debatem as populações do continente, muito especialmente a do Brasil.

Por isso, não é de estranhar que surjam os protestos mais veementes contra aqueles que, por todas as formas, contribuem para que a situação se agrave cada vez mais, tornando insustentável a vida como é vivida atualmente, sob o domínio da burguesia clerical, que governa este e outros países.

A Igreja Católica luta para não perder as posições conquistadas, praticando crimes de toda sorte. Publicamos em seguida algumas opiniões a respeito, extraídas de vários jornais:

"Estamos unidos e, talvez, como há males que vêm para bem, esta má hora que estamos atravessando e os momentos maus que estão para vir, servirão para nos unir mais e mais. A nossa fibra se enriquecerá de novas forças, o aço ficará melhor temperado e sairemos triunfantes e mais fortes dessa prova de fogo."

"Não ficaremos de braços cruzados, nem baixaremos servilmente a cabeça. Nós, os homens livres, temos os olhos acostumados ao clarão da verdade e não nos acomodaremos às trevas de Roma."

"Aqui no Brasil, devemos lutar para cessar a infiltração católica nos altos poderes públicos. Assim o Vaticano não logrará o que está obtendo em outros países do continente. O povo brasileiro, devidamente esclarecido, não se deixará iludir com a arma jesuítica da hipocrisia que é manejada em larga escala e com bastante mestria pelos homens de batina."

"A campanha que a igreja católica está realizando em consequência das resoluções tomadas no Congresso Eucarístico Internacional recém-realizado, por muito violenta que seja, não nos fará recuar nem nos atemorizará."

"O que o clero católico quer é a liberdade para oprimir os outros cultos, esmagando a consciência dos que não seguem a sua cartilha."

"Os brasileiros livres que se não deixarão intimidar, estão, porém, de atalaia, de facho nas mãos contra o reinado das trevas que tantos crimes tem cometido em nome do Cristo."

P. B. J.